

# Lily Graham

Autora de *O Bebê de Auschwitz* e *O Segredo da Livraria de Paris*

«Maravilhosamente escrito,  
com tanto de comovente  
como de esperançoso.  
Os leitores ficarão a pensar  
nesta história durante  
muito tempo.»

*Stardust Book Reviews*



## A FUGA da RAPARIGA ALEMÃ

TOP  
SEL  
LER

O lar que amavam  
é agora um lugar perigoso.

# Capítulo 1

*Norte da Suécia, 1995*

A neve surgira mais cedo, naquele ano, acomodando-se na floresta como um velho urso pronto para hibernar.

À medida que Ingrid atravessava o bosque silencioso, o céu executava a sua valsa setentrional, um bailado de luz matizada, cor-de-rosa e verde.

Ingrid assobiou e *Narfi* correu até ela aos pulos, afundando quase completamente o corpanzil no manto de neve que lhe tingia de branco o pelo preto-acobreado.

— Mantém-te longe daquela raposa — avisou Ingrid.

Não lhe passara despercebida a criatura do Ártico que, praticamente indistinguível da paisagem glacial e sem tirar os olhos azuis assustadiços daquele par de intrusos, se escondia ali perto.

— Ela está a tomar conta das crias, e não sabe que só queres brincar.

O cão ganiu, largando outra vez a correr às cabriolas, tão perto da raposa quanto se atrevia.

Ingrid abanou a cabeça, com as bochechas rosadas do frio. Tinha farrapos de gelo sobre as pestanas.

— Queres ganhar mais uma cicatriz? — perguntou, apontando com a luva para o focinho dele, marcado pelo encontro com uma cria de lobo quando era cachorro.

O cão abrandou, de cabeça à banda, como se estivesse a ponderar nas palavras de Ingrid, antes de se deter ao seu lado.

— Boa escolha — disse ela, dando depois um suspiro. — Além disso, hoje tens uma missão importante — lembrou-lhe. — Vou precisar de usar a tua magia.

*Narfi* enrugou o focinho, produzindo um grunhido relutante. Desviou hesitantemente os olhos castanhos aquosos na direção da cabana vermelha, cuja tinta baça começava a descascar, que se erguia, solitária, à beira do lago gelado. Estava praticamente escondida pelas grandes bétulas cobertas de neve.

Ingrid deteve-se à porta, encostando a testa à madeira.

A caminhada até ali já fora extenuante, ardiam-lhe as coxas de levantar os pés na neve à altura da cintura, mas a perspectiva do que tinha pela frente parecia-lhe ainda mais avassaladora.

— Pode ser que ele esteja num dia bom — disse ao cão, mais esperançada que outra coisa.

Ouviu-se um bufar de impaciência. Nem sequer *Narfi* parecia convencido.

Ele tinha deixado a lareira apagar-se.

Ao entrar na cabana gélida, Ingrid conseguia ver o vapor de água que, ao respirar, lhe saía da boca. Por muito absurdo que fosse, parecia que estava mais frio na penumbra que ocupava o interior da casa do que lá fora. Praguejando baixinho, olhou em redor, de cenho franzido, contemplando toda a tralha acumulada. Jornais, livros velhos, revistas, quadros e desenhos, esculturas de madeira, apetrechos de pesca, espingardas, latas de conserva sem rótulos. Apetecia-lhe arrumar aquilo tudo, criar uma nova ordem a partir do caos e revelar as linhas escorregadas e a estrutura de madeira da cabana, escondidas pela passagem do tempo. Devolver os quadros às paredes, selecionar as pinturas e os desenhos. Sabia, porém, que precisava de o fazer com cuidado, caso contrário, as consequências seriam nefastas. Deparou-se com o vulto

a dormir no banco corrido da cozinha, tapado por um monte de casacos velhos.

Ele aparentava ter uma espécie de aversão à própria cama que ela não conseguia compreender, mas a verdade era que havia imensas coisas acerca de Jürgen Anderson que ela nunca conseguira compreender. Pelo menos, desde que deixara de ser criança.

Ele acordou com o ruído dos passos dela, alternando em poucos segundos entre o estremunhado, o desperto e o irritado. Fiel a si próprio, cumprimentou-a e ao novo dia com um palavrão.

Tinha o cabelo da cor do sal desgrenhado em torno do rosto, magro e vincado pelo tempo, rosto esse que não via uma lâmina há semanas. Continuava com a mesma roupa que lhe tinha visto na sua última visita, roupa que, desconfiava ela, era usada por ele há já algum tempo, a julgar pelo cheiro acre que emanava. Aquilo era invulgar. No inverno ele fazia questão de tomar um banho gelado diário, alegadamente para fortalecer a saúde, mas provavelmente para provar qualquer coisa a si mesmo. Talvez esses objetivos tivessem desaparecido há muito. Se se pusesse a pensar nisso, as lágrimas não tardariam a surgir-lhe nos olhos, e isso era a última coisa de que precisava naquele momento.

Ele já era uma carga de trabalhos sem as lágrimas, empenhado que estava ultimamente em fazer a vida negra a toda a gente, desde o momento em que abria os olhos de manhã até ao fechá-los à noite. Esse nível de compromisso com a rabugice podia tê-la impressionado, mas tal não era possível, pelo menos não enquanto existisse no fundo daquele resmungão o homem que ela conhecera e amara toda a sua vida.

Assim que ele abriu os olhos e a viu de pé na cozinha, a voz saiu-lhe cortante, com a língua bem afiada:

— *För fan i helvete, din jävla idiot!*<sup>1</sup> Estás aqui outra vez, Marta? Pensei que já to tinha dito, e que o tinha deixado bem claro: não preciso de ti — cuspiu ele. — És alguma atrasadinha mental, por acaso?

---

<sup>1</sup> Em sueco, no original: «Vai para o diabo que te carregue, sua mentecapta!» [N. T.]

Reunindo toda a sua coragem, Ingrid fechou os olhos por um instante e pousou o cesto que trazia consigo em cima da mesa, talvez com um pouco mais de força do que a estritamente necessária.

Inspirou fundo e lembrou-lhe:

— Eu não sou a Marta.

Marta era prima de Ingrid. Tinha sido também a última auxiliar do velhote. O mínimo que se podia dizer era que não correria particularmente bem. Tinha acabado com Marta a jurar nunca mais meter os pés na casa de Jürgen Anderson, nem que ele morresse e que fosse preciso ajuda para levar o corpo em decomposição.

— Nem assim! Arranjem outra pessoa!

Fora deste modo que Marta lhe comunicara há alguns dias a sua decisão. Depois, desatara a rir-se com a ideia de Ingrid a substituir.

— Oh, ele vai comer-te viva! — Como Ingrid a fitasse, carrancuda, ela adicionara, com um certo tom de desprezo: — Tem piada. Deves achar que és mais forte do que eu. Mas eu não cresci na cidade com aquecimento elétrico, miúda. Vai lá, diverte-te. Depois não digas que a tua velha prima não te avisou, quando vieres a correr com o rabinho entre as pernas daqui a um ou dois dias, chorosa e arrasada...

De maneira que Ingrid se veio embora, prometendo a si mesma que, acontecesse o que acontecesse com o avô, não recorreria a Marta.

Virou-se para Jürgen, que resmungou:

— Têm o cabelo loiro igualzinho! São todas da mesma família, um bando de intronetidas.

— A Marta tem o cabelo castanho — corrigiu Ingrid.

— Não me parece que o costume lavar. Tanto quanto sei, por baixo daquela imundície é loiro.

Ingrid suspirou. Ele era tão insuportável.

— Acho que não é com a higiene da Marta que devemos estar preocupados.

— É com a comida que ela faz?

Aquela era a fonte de todos os problemas, ao que parecia. Pelos vistos, depois de Marta lhe ter preparado o jantar (frango cozido com

brócolos), as coisas tinham azedado de vez. Ela perguntou-lhe como estava a comida e ele, com toda a descontração, pegara no prato, levara-o para o exterior e despejara-o em cima da neve, chamando por um tal de *Obehang*.

— *Obehang!* Anda cá, rapaz! — Perante o olhar estupefacto de Marta, ele explicou: — É uma ratazana que anda para aí. Uma peste. Um pouco como tu. Se bem que, ao contrário de ti, eu posso matá-la, se me apetecer. — Apontou para o jantar espalhado no chão. — Obrigado, pode ser que dê resultado.

Foi nesse momento que Marta se despediu.

Ingrid esboçou um sorriso a contragosto, tal como quando Marta lhe contara a história, embora tivesse sido a prima a rir-se depois como uma parva quando Ingrid se voluntariou para a substituir.

— Ainda estarei viva no dia em que o senhor admitir que se portou mal? — perguntou a Jürgen.

— Provavelmente não — admitiu ele, com um leve sorriso a aflorar-lhe também aos lábios.

Na véspera, quando viera vê-lo pela primeira vez, tinha aguentado uns magníficos trinta minutos. Parecera-lhe uma eternidade. Tinha conseguido lavar uma chávena, varrer um bocado do chão, derreter um pouco de neve para ter água e pendurar o casaco dele no gancho por trás da porta, tudo isto enquanto era vilipendiada e acoçada. Durou até ele lhe atirar uma das suas pesadas botas, expulsando-a da casa. Ainda tinha uma pequena nódoa negra na coxa.

Os nomes que ele lhe chamara magoaram-na mais do que a agressão física. Ela passara a noite anterior a tentar convencer-se de que devia desistir do sonho de se mudar para o lugarejo onde crescera, no nordeste selvagem da Suécia: Stjärna, na região de Västernorrland, com uma população de cinquenta almas. Tinha ficado sentada na cama a pensar se não estaria a ser palerma, e se não deveria antes voltar para o pequeno apartamento cinzento que lhe servira de casa em Malmö nos últimos dez anos. Onde a vida era tranquila e onde tinha um bom emprego como escriturária. A verdade era que podia ser confortável, mas era também um tédio.

Aqui, a vida corria mais lentamente, dado que não podia ser de outra forma: não havia qualquer loja de conveniência por perto, tudo exigia tempo e preparação; a vida, ainda assim, parecia, de alguma forma, mais rica também por isso.

Além disso, voltar para a modorra da vida tranquila na cidade não serviria de nada a ambos. Quer ele quisesse, quer não, precisava da ajuda dela. Continuava bastante lúcido, no fundamental, mas as fissuras já tinham começado a notar-se: se não a deixasse ajudá-lo, o mais certo era ser levado para um sítio onde cuidassem dele a tempo inteiro. Aquela era a última oportunidade e, ao contrário da sucessão de cuidadores que ele afugentara nos últimos meses, ela tinha verdadeiramente algo a perder se desistisse. Precisava muito de ser bem-sucedida. Desde criança que sonhava em voltar àquela parte intocada do mundo. Aquela era a sua oportunidade. Ele não precisava de ficar satisfeito de a ver ali, muito menos de agradecer a ajuda, e não era absolutamente imprescindível darem-se bem; ela só precisava de garantir que ele continuava vivo, que tinha comido e que não pegava fogo à cabana durante a noite. Apesar da fraca opinião que Marta tinha dela, era perfeitamente capaz disso, mesmo que ele lhe chamasse todos os nomes que lhe viessem à cabeça durante o processo.

Empinou o queixo e descalçou as luvas. Tinha as mãos geladas. O gorro de lã teria de ficar: estava demasiado frio para tirá-lo.

— Vou fazer o pequeno-almoço para nós dois. E depois... — Não conseguiu evitar: olhou desolada em redor da cabana, desejando pela primeira vez que o velhote não tivesse escolhido levar uma vida tão simples, sem água corrente nem eletricidade. — Depois, vou ter de ir derreter mais neve, para o senhor tomar banho.

A resposta dele foi atroz.

Ingrid ficou com as orelhas a arder: não estava habituada a ser tratada assim. Apetecia-lhe responder à letra, mas, em vez disso, limitou-se a cruzar os braços e fulminá-lo com o olhar, comentando apenas:

— Deixou a lareira apagar-se.

Ali, nos invernos gélidos no norte da Suécia, onde as temperaturas podiam chegar aos quarenta graus negativos, um erro como esse podia ser fatal.

Perante as palavras dela ele pareceu esvaziar-se como um balão velho. Pareceu alquebrado, com um súbito acesso de vergonha. Esfregou os olhos e suspirou.

— Estava a tentar que a lenha se aguentasse mais um bocadinho. Tencionava ir buscar outra carrada ao barracão de manhãzinha, mas devo ter adormecido — justificou-se, olhando para o canto vazio da lenha com o cenho franzido.

Ingrid não redarguiu que a manhã não teria feito diferença: não era como se tivesse mais luz, naquela altura do ano. Só lhe apetecia dizer que era precisamente por isso que tinha ido até lá na véspera, para o ajudar com coisas do género — para ele não ter de se arrastar até ao barracão a meio da noite, e voltar com um carregamento de lenha no trenó —, mas mordeu a língua, guardando para si mesma o sermão que tanto lhe queria pregar, enquanto Jürgen fitava o chão.

*Narfi* escolheu bem a oportunidade. Ao pressentir o breve impasse, encaminhou-se vagarosamente para o idoso, cujos olhos brilharam ao de leve enquanto o afagava com uma mão pesada.

O cão aceitou o tratamento com dignidade, embora os seus olhos parecessem advertir Ingrid de que ela lhe devia alguma espécie de recompensa num futuro não muito distante.

Ingrid não tinha bem a certeza se seria uma partida pregada pelas sombras, mas era capaz de jurar que a raiva dele se tinha desvanecido. Assim, aproveitou para lhe oferecer uma trégua.

— Café?

— Com uma colher de açúcar — aceitou ele. — *Tack*.

Ela assentiu, e estava prestes a dirigir-se ao armário quando ele, fazendo ossos e articulações estalarem, se levantou, abanando a cabeça.

— *Nej*, Inge. Eu trato disso. Acho que o teu não serviria sequer para dar ao cão. A zurrapa a que chamam café lá na cidade... — resmungou, enfiando os pés num par de chinelos muito coçados, os quais arrastou até ao fogão.



Ingrid escondeu o sorriso, ocorrendo-lhe que era um excelente sinal de que ele ainda se lembrasse que ela costumava viver em Malmö. Depois do café e do pequeno-almoço, levaria o trenó e traria um carregamento de madeira do barracão. Sabia que ele não queria admiti-lo, mas a tarefa estava a tornar-se cada vez mais desgastante para ele, razão pela qual, muito provavelmente a tinha adiado. Isso e a aflitiva circunstância de, por vezes, se esquecer das coisas.

À semelhança dos antigos gramofones a que era preciso dar à manivela, Jürgen começou lentamente a assemelhar-se mais ao homem que ela em tempos conhecera. Talvez ajudasse o facto de hoje se lembrar de quem ela era.

Como se de propósito, perguntou-lhe de repente:

— Porque é que trouxeste o gorro da Marta?

— Isto? — disse ela, tocando no gorro verde-lima com umas grandes orelheiras. — Oh, enfim, ela impingiu-me uma data de coisas em segunda mão: roupas «mais práticas», agora que estou a viver aqui. Já sabe como ela é.

Ele resmungou, e havia um mundo inteiro de significado e ressentimento naquele grunhido. Depois, encolheu os ombros, acrescentando:

— Bem, desta vez até tem a sua razão. — Tornou a olhar para o gorro e fez um esgar de repulsa. — Embora se calhar isso seja demasiado prático. — O que, para um homem que possuía precisamente três camisas, era dizer muito. Ingrid encolheu os ombros. Quem é que se iria interessar pelo gorro, ali, no fim do mundo? As renas? Até essas estavam demasiado ocupadas a tentar não morrer de frio.

Jürgen tirou um par de canecas de barro castanhas do armário e encheu a chaleira com o jerricã de água que estava pousado na bancada. Era o resto da neve que Ingrid lhe tinha derretido na véspera.

Fora então por isso que ele a confundira com Marta, pensou Ingrid. O gorro. Embora ela soubesse que não podia ser só isso, pois não? Era só uma desculpa. Ela já tinha regressado há tempo suficiente para ele se lembrar de quem ela era... mas pronto, fazia algum sentido.

— Aqui tens, um café decente — disse ele, estendendo-lhe uma caneca com um espesso líquido preto.

O café «decente» era de uma marca barata de supermercado. Tão forte que Ingrid não ficaria espantada se corresse a colher.

— *Tack* — agradeceu, sorpendo antes de beber um gole. Não era assim tão mau, para ser sincera.

— Se calhar depois posso aparar-lhe o cabelo um bocadinho? — sugeriu ela, fitando-lhe o longo cabelo grisalho.

Os olhos azuis dançaram.

— Só se quiseres que eu te deite de bruços em cima do joelho. Sempre achei que devias ter levado mais umas palmadas quando eras pequena, Inge, para não te pores com ideias.

Ela escondeu um sorriso.

— Sou capaz de jurar que me lembro de o ouvir dizer ao *Far* que só os brutamontes é que batem em meninas.

— Hum — retorquiu ele, sorvendo ruidosamente o café, antes de dar um estalido deliciado com a boca. — Sempre fui um grande defensor de mão firme. Eu cá teria dito ao teu pai que triplicasse a dose de palmadas — asseverou ele, com uma piscadela de olho e mostrando a palma da mão. — Deves estar a confundir-me com o teu outro avô, o que dizia disparates do género.

Ela ergueu os cantos dos lábios, divertida. Ambos sabiam perfeitamente que ela só tinha tido um avô — e ele era mais que suficiente.

— Pois devo.

À medida que o fogão a lenha lançava as suas golfadas de fumo no meio da floresta coberta de neve, e o céu carregado que se distinguia por entre as nuvens ganhava laivos de azul-escuro com o avanço da manhã, a carapaça que ele tinha erguido à sua volta desvaneceu-se, e ela pôde ver novamente a pessoa que tanto adorava quando era criança — a fazer lembrar os primeiros raios de sol depois de um longo e rigoroso inverno. Ele ajudou-a a limpar a cozinha, a varrer o chão e a pendurar os casacos, e comeram em silêncio um

pequeno-almoço simples, com pão de centeio, pepinos em conserva e requeijão.

Depois Ingrid dirigiu-se ao celeiro, afadigando-se a encher sacos de ráfia com a madeira rachada que ele tinha secado no verão anterior. Ficou mais aliviada ao ver que o barracão dispunha de lenha suficiente para o resto da época fria. Era uma das razões pelas quais a família se preocupava tanto com ele: a sobrevivência era uma luta difícil, naquelas paragens. Ainda mais difícil para um homem como Jürgen Anderson, que optara por viver de maneira tão frugal. Não havia outra forma de aquecer a casa: nem eletricidade que se pudesse ligar com um interruptor, nem aquecimento central a gás. Se ele ficasse sem lenha poderia ser fatal.

Era um trabalho árduo, que a deixou transpirada apesar do frio cortante, e quando voltou à cabana, depois de arrumar a lenha e acender a lareira, não demorou muito a poder despir algumas camadas de roupa.

A sua próxima tarefa consistiu em acartar alguns baldes de neve para derreter, não só para encher a barrica de água, mas também para lhe preparar um bom banho. No renovado conforto da cabana, puseram-se os dois à janela, a observar o mundo lá fora enquanto a pouca luz do dia se dissipava. Puderam ver alguns gamos a atravessar a floresta, eles próprios a aproveitarem aquela rara hora de luz, tão preciosa e tão breve.

A maré mudou quando ela insistiu no banho. Ainda lhe conseguiu despir a camisa, mas o brilho dos olhos do idoso extinguiu-se, tal como a luz do sol lá fora, e ele recomeçou a praguejar, a dar-lhe palmadas nas mãos e nos braços, a magoá-la. Ingrid mordeu o lábio, sentindo as lágrimas a picarem-lhe os olhos. Não se tinha preparado para a dor que a demência dele lhe causava, mesmo que ninguém lhe tivesse ocultado a verdade. O eremita da família, antes tão meigo, tinha-se tornado uma pessoa amarga e má. Dificilmente se habituaria àquilo.

— Tem calma, por favor, *Morfar*. Precisas mesmo de um banho. Estás a começar a cheirar mal.

— Eu não cheiro mal! — berrou ele, ofendido.

Ela deu um suspiro, apanhou a camisa do chão e encostou-a ao nariz do avô.

Ele sacudiu a cabeça como um cão, arrancando-lhe a camisa das mãos para tornar a atirá-la ao chão.

— Deixa-me em paz, Marta! Não te quero aqui para nada! Não preciso de ninguém, ouviste? Desanda daqui!

*Narfi* desatou a ladrar, furioso, e Jürgen pareceu ficar subitamente confuso.

— *Bjørn?* — murmurou, estendendo a mão para o cão, com a ira momentaneamente esquecida.

— *Narfi* — corrigiu a neta. — E se quiser que eu me vá embora, é muito simples: só tem de se enfiar na tina e ensaboar-se — acrescentou ela, oferecendo-lhe uma barra de sabão caseiro de limão e verbena, comprado na pequena mercearia da aldeia a meia hora de caminho. — Eu viro-me de costas, não se preocupe.

Razão pela qual não o viu a pontapear a tina de ferro que ela tinha passado os últimos vinte minutos a encher de água fumegante, até a virar e despejar toda no chão, encharcando-lhe as pernas.

Ela girou sobre os calcanhares, a guinchar. Ele estava seminu, a um canto, a rir-se às gargalhadas. A sua voz subitamente mais aguda, como a de um rapazinho.

— Devias ter visto a tua cara, *Küken*. Isto foi muito mais divertido do que quando roubámos o barco ao velho Polga! — Ela cruzou os braços, furibunda, e ele riu-se outra vez. — Vá lá, Asta. Desde quando é que não gostas de uma boa partida?

— Eu sou a Ingrid — disparou ela. — E não teve piada nenhuma. Demorei que séculos a encher a banheira.

Ela sabia perfeitamente que ele não trocava os nomes por mal, mas perdera momentaneamente qualquer compaixão por ele. Continuava com um cheiro horrível e ela não ia ter tempo para preparar outro banho. Soltou um suspiro exasperado, pegou numa toalha e na esfregona e limpou o chão.

Depois, subiu as escadas e foi buscar uma camisa lavada e um par de calças de fato de treino, que enfiou nos braços do avô.

— Vista isto — ordenou, já sem paciência para discussões. Estava tão irritada que nem se espantou quando ele obedeceu. Finalmente, fez um monte com as roupas puídas e sujas para as enfiar na máquina de lavar de sua casa. — Por mim, pode ficar a cheirar mal à vontade, se lhe apetecer — resmungou entre dentes, percebendo, contrariada, que estava a portar-se como Marta. Mas não o conseguia evitar.

Despiu as calças de neve encharcadas.

— Vou ter de levar umas calças emprestadas para voltar para casa.

Olhou para ele, carrancuda. Numa coisa era diferente da prima, que fervia em pouca água. Ingrid era como uma cabra-montês, com uma aparência frágil, porém, muito teimosa e sem medo de usar os chifres caso fosse encostada à parede.

— Trago-as quando voltar amanhã, portanto não se ponha para aí com queixumes.

Sentiu uma pontada repentina de pena, misturada com a irritação. Ele não tinha culpa de estar senil. Suavizou o tom de voz:

— Fica bem? Tem comida que chegue?

Ele revirou os olhos.

— Fico ótimo. Não preciso que tomes conta de mim. Tenho ceroulas mais velhas que tu.

Ela olhou fixamente para ele.

— Não se esqueça de ir abastecendo a lareira.

Baixou-se, para se desviar do chinelo dele. Depois, deu um assobio e *Narfi* seguiu-a até à rua.

Só muito mais tarde, depois da árdua caminhada de um quilómetro e meio pela floresta a debater-se contra a neve que lhe dava pela cintura, quando já estava instalada na sua minúscula cabana (uma das onze da aldeia, espalhadas à volta do vasto lago e da floresta), é que se apercebeu de que ele não lhe tinha falado em sueco.

Ele estava a falar *alemão*.

## Capítulo 2

O avô tinha-lhe chamado *Küken* — passarinho. A palavra remexeu-se no cérebro dela, como uma pedra no sapato. O desconforto impedia-a de pensar noutra coisa.

Ingrid não sabia ao certo em que preciso instante é que ele tinha trocado de língua. Para ela, ao fim de dez anos a falar alemão na intimidade, a alternância tinha-se tornado tão natural como descalçar os sapatos ao chegar a casa depois de um longo dia de trabalho no escritório: o namorado, Ben, era alemão. Ex-namorado, lembrou-se a si mesma, magoada.

Falar alemão podia ter-se tornado natural para ela ao longo dos anos, mas era completamente incomum do avô. Contranatural, até. Ele ficara tão furioso por ela estar a aprender alemão que por pouco não lhe batera.

Era uma recordação muito antiga, mas as emoções que despertavam continuavam afiadas como um punhal. O tipo de memória de infância que tantas vezes, quando invocamos, reaviva uma pequena ferida. Ela era uma criança, e ainda vivia em Stjärna: antes de se mudarem para a cidade, quando o pai arranhou um novo emprego. O *Morfär* veio um dia a casa deles e ouviu-a a praticar alemão. Ela tinha 9 anos e queria fazer uma surpresa à sua nova amiga, Suzie, cuja família se mudara há pouco tempo para a aldeia. Suzie ainda

não dominava o sueco e estava a passar por um mau bocado, com as outras crianças sempre a arreliá-la. Ingrid ansiava por poder ajudá-la. Ficou muito entusiasmada quando a mãe lhe trouxe alguns livros e cassetes que ensinavam alemão de uma loja em segunda mão perto do trabalho dela, uma vacaria a quarenta minutos dali. Ingrid começou a estudar alemão sozinha sempre que tinha oportunidade. Adorava sentar-se a brincar com os animaizinhos de madeira que o avô lhe tinha esculpido ao longo dos anos e conversar com eles sentada em frente à lareira.

— *Guten Morgen, mein name ist Ingrid. Wie geht's?*

Subitamente, ouviu um som gutural, furioso, e olhou para cima assustada, deparando-se com o seu querido avô, o seu *Morfär*, com o rosto da cor da cinza, como se fosse água suja. Então, de repente, ele avançou para ela, os olhos coruscantes, de punhos cerrados. As pequenas estatuetas de madeira voaram-lhe das mãos e espalharam-se com estrépito no chão, enquanto ela guinchava.

Ingrid não reconhecia o avô naquele homem. Sentiu um aperto de medo no estômago.

Ele puxou-a à bruta pelo braço e pôs-se a berrar, colado à cara dela, os lábios lívidos, sem pinga de sangue.

— CALA-TE! Cala-te imediatamente com essa língua! Ouviste? PROÍBO-TE!

Ela arquejou, sem ar, sentindo grossas lágrimas escorrerem-lhe pela cara até ao pescoço. Toda ela tremia com o choque. Ele nunca tinha se lhe tinha dirigido daquela forma. Os braços do avô só eram capazes de lhe oferecer abraços, o rosto barbudo sempre estivera apenas disponível para um sorriso. As mãos ágeis estavam constantemente a apontar-lhe coisas bonitas, a ajudá-la a vestir uma camisola extra ou a esculpir um animalzinho de madeira para ela brincar. Mas aquilo não. Nunca na vida as tinha usado para a aleijar.

Inspirou pela boca, com o cérebro a rodopiar, à procura de uma explicação plausível. Mas não lhe ocorreu nada. Não conseguia compreender. O que poderia ter feito de mal?

Ouviu-se o ruído de botas a correrem apressadas no soalho de madeira da sala. Era o pai a acudir, alertado pelo som dos gritos de Jürgen e pelos soluços convulsivos de Ingrid.

— O que se passa aqui? Porque é que estás a agarrá-la assim?

Jürgen virou-se para ele, os olhos alucinados. Agora que tinha um novo destinatário a quem dirigir a fúria, largou finalmente o braço de Ingrid. Ela ficara com os dedos dele marcados, uma fiada de rodela branca cercada por vermelho.

— Vim dar com ela a falar... A falar...

A voz esmoreceu-lhe, incapaz de dizer a palavra.

O pai de Ingrid fez um ar incrédulo, e não tardou a enraivecer-se também ele:

— A falar?! — Abanou a cabeça e olhou perplexo para Jürgen. — É só uma criança, Jürgen. É natural que às vezes digam asneiras... O que aconteceu? — perguntou a Ingrid, que estava a esfregar o braço, tentando respirar entre os soluços.

— Eu... Não sei... Só estava a repetir o que a cassete dizia. Estava a tentar aprender...

O pai franziu o sobrolho.

— Cassetes? Quais cassetes? Aprender o quê?

— A... Alemão — disse ela à procura de ar. — Eu... Eu queria aprender por causa daquela minha nova amiga, a Suzie. Ela não fala quase nada sueco, e eu queria conhecê-la melhor. Fiz alguma coisa de mal, *Far?*

O pai arregalou muito os olhos.

— Nada. Não fizeste nada de mal, ouviste? — Dito aquilo, virou-se para Jürgen, com uma expressão empedernida. — Mas que raio foi isto, Jürgen?

— Não admito que ela fale essa língua aqui em casa! — bradou, sem vacilar.

O pai dela tornou a arregalar muito os olhos, com o rosto contorcido pela fúria.

— Estamos em minha casa, Jürgen — lembrou-lhe num silvo, em voz baixa. Tinha os punhos cerrados junto aos quadris. Verdade



seja dita, estava completamente chocado com a reação do sogro. Ingrid era a neta preferida do velho eremita, e tanto ele como Jonna costumavam gracejar que, se não fosse por ela, nunca lhe poriam os olhos em cima.

— Esse teu preconceito não é bem-vindo aqui. Não vejo nenhuma razão para que ela não possa aprender outra língua. Não foram os nazis que criaram o alemão, e eles não representam para sempre todo um povo, Jürgen. Nunca desafiámos a tua atitude antes, porque a nossa geração não viveu o horrores da guerra, mas não permiti-rei que enchas de veneno a cabeça da Ingrid com esses disparates. Controla-te, por favor: ela não passa de uma criança que quer falar com a nova amiga.

Jürgen pareceu acalmar-se, à medida que processava as palavras do genro. A vermelhidão furibunda que o consumia por dentro dissipou-se, e fez um ar tremendamente envergonhado.

— O teu braço está bem? — perguntou a Ingrid.

Ingrid fungou, assentindo com a cabeça.

— Eu... — O avô pigarreou, a limpar a garganta. — Peço imensas desculpas, Inge — acrescentou, parecendo subitamente alquebrado, com uma expressão desoladora. — É só que... Eu... — Calou-se, os lábios numa linha fina. Inspirou fundo. — Não sei o que me deu. Perdoa-me, por favor — disse, olhando da neta para o genro, que permanecia impassível, e de novo para ela.

— Acho que é melhor ires andando, Jürgen.

Ele assentiu. Ingrid achou-o muitíssimo mais velho, de repente. Nunca tinha pensado nele como um velho.

Passaram-se algumas semanas antes de o voltarem a ver. Ingrid já não se lembrava se o pai lhe tinha voltado a falar no assunto, ou se a mãe o teria mencionado; só se lembrava de ter tido saudades do avô. Ficava a olhar pela janela da cabana deles, à medida que o outono levava consigo as derradeiras folhas vermelhas e douradas e trazia as primeiras geadas, transformando as bagas dos arbustos em joias de cristal, com um olho sempre apontado ao acesso à casa, à procura do chapéu de palha do avô, dos passos gingões das suas

longas pernas, a perguntar-se a si mesma se ele alguma vez voltaria a ir visitá-la.

Quando finalmente ele voltou, a neve já se tinha instalado resolutamente no chão, com o inverno a reclamar uma vez mais o seu domínio do mundo, a garantir que eles ficariam enclausurados com o frio nos próximos meses. O avô trouxe-lhe um novo brinquedo de madeira: uma estatueta de um urso que tinha esculpido a pensar nela, como todas as outras. Era um urso-polar, com os olhos muito solenes e tristes.

Ingrid compreendeu logo, talvez instintivamente, o que é que o avô queria dizer com aquilo, embora os pais nunca tenham percebido. Ele era o urso, e o facto de ela ter falado alemão fizera-o sentir-se acossado e atacar. Mas estava arrependido.

O incidente mudou ligeiramente o convívio deles, especialmente para o pai, que já não se sentia completamente à vontade a deixar a filha sozinha com ele depois disso, embora nos meses e anos que se seguiram ele não tivesse tido mais nenhum daqueles acessos de fúria.

Ela continuou a aprender alemão, no entanto, incentivada de certa forma pelo pai, que não tinha gostado que lhe dissessem o que podia ou não fazer na sua própria casa. É claro que Ingrid nunca voltou a falar alemão ao pé do avô. Tinha-lhe visto a mágoa no fundo dos olhos, oculta por trás da raiva, e não queria fazê-lo sofrer, tal como ele não quisera magoá-la.

Franziu o sobrolho, remexendo no fio do telefone, enquanto recordava aquela história. Era tarde, mas, sabendo como a mãe era uma espécie de coruja, provavelmente ainda estaria acordada, a ler. Além disso, Ingrid tinha a certeza de que ela queria saber como tinha corrido a visita ao avô. Estava sempre angustiada por viver em Malmö, tão longe do pai.

Jonna atendeu ao segundo toque.

— Sou eu — disse Ingrid, ao ouvir a voz da mãe.

— Como é que correu?

— Hoje o *Morfar* já se lembrava de quem eu era.

— Oh, Ingrid — suspirou a mãe. — Tu estás bem?

Ingrid cerrou as mandíbulas com força. Recusava-se a chorar por causa daquilo. Tinha prometido a si mesma, depois de se separar de Ben e decidir que ia voltar à aldeia para tomar conta de Jürgen, que não se deixaria abater. O recomeço ia ser bom.

— Sim. Eu consigo aguentá-lo.

— Bem, acho que deves ser uma das poucas pessoas capazes disso — concordou a mãe. — Mas se for muito difícil e ele estiver a piorar... Enfim, podemos ter de repensar as coisas.

— Está tudo bem, a sério. Tu conheces o *Morfar*. Não é só a demência precoce, mas também o orgulho dele e o facto de não querer admitir que às vezes precisa de ajuda — disse Ingrid, lembrando-se da lareira. Ela sabia que ele sofria de artrite, o que se tornava particularmente doloroso nos meses mais frios, e seria sem dúvida uma das principais razões para ter adiado a reposição da pilha de lenha.

— Pois, ele ficava furioso quando achava que alguém estava a meter o nariz na vida dele.

Ingrid assentiu.

— Sempre — concordou.

— Falaste com o médico dele?

— Sim. Ele disse-me o mesmo que já te tinha dito. Diz que ele continua suficientemente lúcido, e que por enquanto só precisa de um pouco de ajuda. — Não acrescentou o resto da conversa, nem precisava: a mãe já o sabia, e tinha insónias quase todas as noites, consumida pela preocupação. O mínimo que Ingrid podia fazer era conceder-lhe um pouco de alívio nessa frente. Ao contrário de Marta, ela não ia desistir facilmente, só porque ele era um pouco difícil. Lembrou-se da piada dele sobre as ceroulas e abanou a cabeça, com um pequeno sorriso nos lábios.

O médico tinha-lhe explicado que o maior dos problemas, caso ele continuasse a viver ali sozinho, seria a memória de curto prazo. Ele ainda mantinha uma certa lucidez, a maior parte do tempo, e a memória de longo prazo estava ótima, mas se começasse a

esquecer-se de comer, por exemplo, teriam de considerar seriamente mandá-lo para um lar. Mas Ingrid conhecia bem o seu *Morfar*: se lhe fizessem uma coisa dessas, ele não duraria muito. Era demasiado teimoso, independente e rabugento para isso. Pelo menos com a ajuda dela ainda podia manter uma certa independência, mas precisava de o fazer compreendê-lo.

Suspirou. Preocupar-se-ia com isso depois; por agora, a questão que a apouquentava era perceber por que raio ele tinha começado a falar uma língua que sempre desprezara.

— Não foi por causa disso que te liguei, no entanto — disse à mãe.

— Então?

— Ele pôs-se a falar alemão.

Ouviu-se um silêncio estupefacto do outro lado da linha.

— Alemão?

— Sim.

Uma pequena gargalhada, como se Ingrid estivesse a brincar com a mãe.

— Não pode ser, querida — apressou-se a dizer Jonna.

Ingrid suspirou.

— Acredita em mim: ele desatou a falar alemão. Quase como se ele fosse alemão.

— Como assim? Tens a certeza?

— Absoluta. Habituei-me de tal maneira a falar alemão com o Ben ao longo dos anos, que nem sequer reparei que tínhamos mudado de língua.

Tinham estado juntos quase dez anos. A relação chegou ao fim quando perceberam que queriam coisas muito diferentes. Uma relação monogâmica, ela, desde logo... Essa foi uma das razões que a levaram a contemplar demoradamente a sua própria vida e resolver finalmente atirar-se de cabeça, mudando-se outra vez para o Norte da Suécia. Se não o fizesse agora, então quando? Quando encontrasse outra pessoa? Quando se casasse? Quando assentasse? Tudo isso só tornaria a decisão mais difícil. Não havia nunca uma boa altura para

mudar de vida, mas às vezes parecia que a Terra se deslocava no seu eixo de tal forma que só era mesmo preciso arriscar e dar o salto. Foi o que lhe aconteceu quando ouviu falar da degenerescência do avô, que a mãe lhe tentara esconder, sabendo como já estava angustiada com o fim da relação. Quando ela finalmente lhe contou, a decisão de ir viver para a cabana de veraneio dos pais foi instantânea — e abençoada, agora que Marta tinha atirado a toalha ao chão.

Jonna continuou:

— Eu... Eu sempre achei que o *Morfar* odiava essa língua. Quer dizer, nunca fez muito sentido, na verdade. Mas houve aquilo quando tu tinhas... Sei lá, 8 ou 9 anos? Quando a tua amiga Suzie se mudou para Stjärna, não sei se te lembras...

— Oh, lembro-me perfeitamente — respondeu Ingrid. — Nem imaginas como.

A mãe suspirou.

— Pois. Enfim. Calculo que tenha deixado vestígios. O teu pai disse que nunca o tinha visto assim, tão zangado. Tão... alucinado. Nunca me passou pela cabeça que ele soubesse falar alemão. Tendo em conta a maneira como reagia sempre que o ouvia...

— Eu também não. Mas acredita que me pareceu dominá-lo perfeitamente.

Ouviu-se uma pequena exalação do outro lado da linha.

— O que foi que ele disse, ao certo?

Ingrid lembrou-se de quando estava a encher a banheira. A voz do avô tinha mudado, repentinamente.

— Parecia mais novo, e disse qualquer coisa acerca de um barco. Chamou-me *Küken*: passarinho. Seria alguma espécie de diminutivo que também usasse contigo?

— Não, nunca — murmurou a mãe.

Ingrid franziu o sobrolho.

— Se calhar teve de aprender alemão contra a sua própria vontade — sugeriu. — Na escola, ou depois durante a guerra? Eu sei que a Suécia era neutra, mas devia haver sempre o medo de que nos invadissem, como fizeram com a Noruega ou a Dinamarca, ou não?

— Claro. Foram muitos os homens tirados da reserva para treinarem para a guerra, caso ela acabasse por acontecer. Ser neutro não significou que a Suécia tenha continuado o seu dia a dia como se nada fosse. Continuava a ser uma época dominada pelo medo: a ver os aviões passarem no céu sem saber se alguma daquelas bombas nos seria destinada, a ouvir as notícias sobre como o mundo tinha enlouquecido, com as perseguições em massa, os campos de concentração, a fome... Lembro-me de uma professora me contar que era como estar escondido no sótão com um bando de ladrões dentro de casa, mas os ladrões sabiam que havia alguém lá em cima e podiam subir a qualquer instante...

Ingrid soprou o ar devagarinho. Devia ter sido muito assustador. Era evidente que a Suécia tivera de chegar a um compromisso: o privilégio da neutralidade implicou imensas transigências para com a Alemanha, e era natural que o cidadão comum tivesse medo de que o acordo com os nazis fosse tão «sólido» como aquele que tinham celebrado com a Polónia antes de dividirem o país ao meio e o partilharem com os soviéticos, como se fosse um naco de pão.

— Quando eu era pequena, ele odiava tudo o que tivesse que ver com a Alemanha. Até os noticiários. Saía de rompante da sala se estivessem a falar alemão na TV. Sempre me perguntei se lhe teria acontecido alguma coisa a ele especificamente que o fizesse reagir de maneira tão veemente, mas é claro que ele nunca falou do assunto.

— Pois. — A própria Ingrid tinha esbarrado naquela parede de silêncio algumas vezes quando era criança. Era capaz de contar pelos dedos de uma mão os pormenores pessoais que ele lhe tinha revelado ao longo dos anos.

Fez-se silêncio, até que Jonna acrescentou.

— Sabias que ele era órfão?

Ingrid esbugalhou os olhos.

— O quê? — Ela não sabia. — Não pode ser. Ele falou-me dos pais dele. Tenho a certeza de que me falou vagamente da mãe, pelo menos. Era dinamarquesa, não era?

— Deves estar a referir-te à Trine. Mas ela era tia dele.

Ingrid pestanejou.

— Tia?

— Não sei muito bem como foi a história, mas a dada altura ele foi viver com a Trine. Eu própria me lembro um bocadinho dela, de quando era pequena. Era uma senhora simpática. Com um grande sentido de humor, mas também um pouco austera. Mas antes disso, antes de eu nascer, é como se todos aqueles anos nunca tivessem existido. Era completamente impossível convencê-lo a falar do assunto, nem que o matassem. Eu bem que tentei.

Jonna omitiu as inúmeras ocasiões em que suplicou ao pai que lhe contasse qualquer coisa. Que lhe chegou a gritar: «Não é justo! Toda a gente tem uma história. Qual é a nossa? Como é possível que eu saiba tão pouco acerca do meu próprio pai?» Só muito mais tarde é que percebeu que talvez não houvesse nenhuma história para contar. Ou seria apenas demasiado dolorosa? Ou solitária? Mesmo assim: não lhe poderia ele explicar isso? A única pessoa de quem ele lhe falava era da mãe dela, mas mesmo isso lhe custava, já que a perdera pouco depois de Jonna nascer.

Ingrid mordiscou o lábio.

— Deve ter sido tão difícil, mãe. Lamento muito. Mas porque é que nunca me falaste disso, tu também?

Ouviu-se um suspiro profundo.

— Não sei. Eu sei que devia... Mas toda a minha vida estava tão cheia de perguntas para as quais não tinha resposta, que não te quis transferir esse fardo.

Ingrid engoliu em seco. A mãe tinha querido poupá-la.

— Mas sabes que ele te adora — disse à mãe.

— Eu sei. E foi um bom pai, além disso. Esforçou-se muito por me proporcionar uma vida feliz, e não esquecendo que, durante vários anos, foi a única pessoa que fez parte dela. Mas, sabes, quando nasceste ele ficou um pouco mais doce. Adorou-te assim que te viu.

Ingrid enxugou uma lágrima. Era mútuo. Continuava a ser.

— Pois. Mas há tanta coisa que não sabemos acerca dele. Quer dizer... além?

— Eu sei — suspirou a mãe. — Enfim, sempre me perguntei, terá estado envolvido na guerra, de alguma maneira?

— O que queres dizer?

— Por exemplo, ter-se-á voluntariado para combater?

— Queres dizer, alinhar com os britânicos ou uma coisa do género?

— Sinceramente, não sei. Mas sempre pensei que tinha de haver mais qualquer coisa... Algo mais profundo que alimentasse todo aquele ódio pelos alemães. Não me pareceu fruto de uma atitude passiva durante a guerra. Percebes o que eu quero dizer?

Ingrid franziu o sobrolho. Lembrou-se da expressão que atravessou os olhos dele quando a agarrara em criança. O pânico absoluto.

— Sim, percebo.

Foi sob um céu cor de pombo, salpicado de minúsculas estrelas, que Ingrid se dirigiu à cabana à beira-lago na manhã seguinte. Encontrou-o sentado no banco da cozinha, com o cabelo esgrouviado, uma caneca de barro a aquecer-lhe as mãos.

Suspirou ao vê-la.

— Então é isto que eu vou ter de aturar, Inge? — barafustou, enquanto *Narfi* se sentava ao lado dele, pacientemente à espera das suas palmadinhas pesadas, que não tardaram a surgir. — Tens de me vir deitar o olho todos os minutos do dia, é isso?

Ingrid pousou um saco de rede cheio de mantimentos (incluindo o bolo predileto do avô) na mesa da cozinha. Ele parecia mais lúcido hoje de manhã, o que a deixou aliviada. Olhou em redor da cozinha, que também parecia mais arrumada.

— Todos os minutos, não, mas deitar o olho, sim, *Morfar*. E acho que era melhor para os dois se deixasse de se rebelar contra mim.

Ele deu um estalido com a língua e sorveu o café.

— As tuas visitas são sempre bem-vindas, Inge, mas escusas de te ralar comigo.



Ingrid enfiou uma madeixa de cabelo loiro por trás da orelha e franziu a testa.

— Bem, tenho o direito de me ralar com o meu próprio avô, ou não?

Para grande surpresa dela, ele fez um sorriso.

— Calculo que tenhas. — Depois, voltou a suspirar. — Pelo menos és melhor que a Marta. Aquela matraca nunca se cala.

Ela semicerrou os olhos.

— Não me lembro de ter tido hipótese de lhe dirigir mais do que uma ou duas palavras, ontem.

— É por isso que te prefiro a ti do que à Marta.

Ingrid sorriu. Então era assim que ia correr o dia. Já não era mau. E havia outros sinais encorajadores.

Ficou satisfeita ao ver que ele não tinha deixado apagar a lareira. Também tinha voltado a encher a barrica de água, e já comera umas torradas ao pequeno-almoço. Ela pensou como seria se ele deixasse de conseguir fazer tudo aquilo sozinho, e quanto tempo demoraria ainda até ele chegar a esse ponto.

Ainda assim, continuava a precisar de tomar um bom banho, e pela maneira como as suas costelas se destacavam no tronco ele não andava a comer muito mais além de torradas. O médico explicara-lhe que quando as pessoas eram afetadas pela demência, como ele, esqueciam-se muitas vezes de comer, pelo menos até o corpo começar a queixar-se. Jürgen sempre tinha sido um homem casmurro, demasiado ocupado para interromper o que estava a fazer e preparar uma refeição. Ela ficaria surpreendida se andasse a comer mais do que uma vez por dia. Isso não era nada bom.

A verdade era que, para aquilo resultar — para qualquer um dos dois —, o *Morfar* precisava que ela viesse com maior frequência. Garantir que ele não se tinha esquecido de nada, como ir buscar água, comprar mantimentos, comer, reabastecer a pilha de lenha.

O que implicava, desse por onde desse, que ele teria de se habituar à presença dela.

Eles tinham sido próximos, mesmo muito, em tempos. Ela lembrava-se dos animaizinhos de madeira que ele esculpira para ela ao longo dos anos. Continuava a acarinhá-los até hoje. Criaturas do Ártico, raposas e aves, muitas aves, aquele urso. Ainda os guardava a todos. O urso estava sempre na mesa de cabeceira dela. De atalaia.

O avô era diferente, nessa altura. Podia ser muito calado e metido consigo, mas tinha sempre tempo para ela. Era um autêntico eremita, e nunca aparecia em celebrações como o *Midsommar* ou os piqueniques de família. Não se dava o caso de ser tímido, só reservado. Não tinha jeito para conversa de chacha. Mas ia visitá-la frequentemente e passava muito tempo com ela na horta, a semear hortaliças na estufa, a tratar dos canteiros na primavera e no verão, e a observar a vida selvagem nas longas caminhadas que davam pela floresta e à volta do lago. Fora ele quem lhe transmitira a paixão pelas paisagens agrestes do Norte da Suécia.

Acabaram por se afastar um bocado quando os pais dela se mudaram para Malmö, por causa do trabalho. Era normal, calculava Ingrid. Continuou, no entanto, a passar as férias de verão com os pais na cabana onde tinham vivido, pelo que o via todos os anos. Voltavam os passeios na floresta com o avô, a quem contava coisas que nunca seria capaz de confessar a mais ninguém. Quando ficou mais velha, a cumplicidade esmoreceu ligeiramente. Estava mais interessada nos rapazes que também iam passar o verão na aldeia, e não dedicava assim tanto tempo ao avô. Era normal, calculava Ingrid, mesmo que fosse um pouco triste. Sabia que ele teria sempre um lugar especial para ela no seu coração, embora lamentasse cada vez mais a distância que os afastara. Sabia tão pouco acerca do passado dele. Apesar do que ele tinha dito de Marta, era Ingrid quem passava a vida a tagarelar com ele quando era criança. Esperava que os pratos da balança pudessem ficar um bocadinho mais equilibrados agora.

Mas primeiro precisavam de fazer uma segunda tentativa quanto àquele banho. Ingrid tinha uma estratégia: se havia algo que sabia acerca do avô, era que ele devia ser o homem mais guloso do norte da Suécia.

— Trouxe-lhe um bolo — anunciou, tirando a lata da mala.

Ele arregalou muito os olhos.

— Aquele bolo de chocolate com cerejas?

— Esse mesmo. — Ele sorriu. — Mas primeiro vai ter de tomar um bom banho.

Ele afagou o pelo de *Narfi* e suspirou, enquanto o cão arfava, a olhar para ele.

— Eu devia ter adivinhado, rapaz. As mulheres trazem sempre um trunfo na manga.

Ela estava a enxugar os longos cabelos brancos com a toalha quando aquilo tornou a acontecer: a mudança para o alemão. Foi tão rápido e tão inesperado que Ingrid piscou os olhos, confusa.

— Eh, *Küken*, o que é que vamos contar ao Papá acerca do bote de *Herr Baer*? Nem acredito que se afundou assim. Se bem que — desatou a rir-se —, a verdade é que tu o encalhaste, primeiro.

Ingrid deteve-se subitamente, com a toalha nas mãos. Será que podia alinhar na conversa? Tentar descobrir alguma coisa?

— Eu enalhei o barco? — perguntou, em alemão.

Ele virou-se para olhar para ela e fez uma careta, com a voz a esganiçar-se.

— Bem, tecnicamente, fomos os dois. Eu é que estava a tentar fazer aquelas ondas no canal, pelo que a culpa foi nossa. Fazemos sempre o mesmo, não é?

— O quê? — perguntou ela.

— Metermo-nos os dois em sarilhos, *Küken*. É o que dá sermos gémeos.

— Gémeos? — murmurou Ingrid.

Ele olhou para a neta como se ela tivesse perdido o juízo, mas insistiu, ainda com aquela voz mais jovem:

— É claro que somos gémeos, Asta. Deves ter batido com a cabeça com muita força, para te esqueceres assim de mim.

# «Os nossos pais foram levados. Não podemos ir para casa...»



Hamburgo, 1938. O ambiente na cidade é tenso: sinagogas destruídas, ruas estranhamente silenciosas. Saídos da escola, Asta, de 15 anos, e o seu irmão gémeo, Jurgen, regressam a casa, mas são subitamente parados por uma amiga da família, que lhes conta o impensável: os seus pais foram levados de casa por soldados nazis apenas por serem judeus, e, se eles regressarem agora, também serão capturados. Ainda que devastada com a perda dos pais, Asta sabe imediatamente que a única hipótese que têm é a fuga até à Dinamarca, onde vive a sua única familiar, Trine, uma tia que mal conhecem. Mesmo que para isso tenham de arriscar viajar por uma Alemanha que está agora contra eles.

Escondidos num camião sobrelotado com outros refugiados, Asta e Jurgen nada mais podem fazer do que rezar por um milagre que os ajude a atravessar a fronteira, um crime punível com a morte. Contudo, já na floresta que separa os dois países, são apanhados por soldados nazis. Asta consegue fugir, mas Jurgen é capturado.

A Asta resta agora a esperança de, um dia, voltar a encontrar o irmão, a outra metade de si mesma. E tudo fará para que isso aconteça. Seja qual for o preço a pagar.

**A história comovente e inesquecível da coragem de dois irmãos  
no mais perigoso dos tempos.**

Leia  
também:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@ topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789896238780



9 789896 238780 >